

MÚSICA E FANTOCHES NAS AULAS DE GEOGRAFIA - UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

CLÁUDIO JOSÉ BERTAZZO

Professor Orientador. Professor Dr. em Geografia no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Catalão - UFCat. Catalão (GO) – Brasil. E-mail: cbertazzo@gmail.com;

LEONOURA KATARINA SANTOS

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Catalão – UFCat. Professora da rede particular de ensino de Catalão (GO). Catalão (GO) – Brasil. E-mail: leonourakatarina@hotmail.com;

ROBÉRIO FRANCISCO DE MACÊDO

Graduando em Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Catalão - UFCat. Catalão (GO) – Brasil. E-mail: roberiomaced@outlook.com.

RESUMO

O artigo descreve uma proposta de ensino implementada em uma classe do 6º do Ensino Fundamental do Instituto de Educação Matilde Margon Vaz, em Catalão (GO). O objetivo da estratégia de mediação didática foi o de trabalhar os temas de domínios morfoclimáticos no Brasil e inserir o conteúdo clima e tempo de modo a que os alunos compreendessem suas diferenças e construíssem/reconstruíssem os conceitos estudados. A metodologia do artigo resulta de pesquisas bibliográficas sobre música, teatro de fantoche e didáticas da Geografia, em um momento prévio a redação do manuscrito. O itinerário metodológico da *Fantochaula Musical* foi concebido e desenvolvido para que, a partir de exemplos cotidianos dos saberes dos alunos, fossem ressignificados os saberes/conceitos de clima e domínios morfoclimáticos por meio de músicas populares, folclóricas e que faziam parte do repertório daqueles discentes. O material utilizado para construir os fantoches foram as folhas de E.V.A. (Etil Vinil Acetato) de diferentes cores, moldes e unidos com cola quente e de isopor. Sabe-se que a Música e o Teatro são campos de conhecimento. Entretanto, são também linguagens. O roteiro técnico dos conteúdos foi elaborado conforme a seleção das músicas de maneira que permitissem introduzir os temas de ensino segundo os objetivos da proposta. Definidas todas as estratégias do plano de ensino e sua aplicabilidade, realizou-se a aula-teatro de animação com fantoches e com canções na classe do 6º ano 'A'. O resultado da aula proporcionou aprendizagem significativa, que se comprovou nas avaliações posteriores realizadas pela professora regente do 6º 'A'. Os alunos participaram de modo efetivo, respondendo e cantando/acompanhando as músicas. Fizeram perguntas e debateram com os fantoches a respeito dos conteúdos geográficos inseridos pelas músicas e pelas falas das personagens. Conclui-se que a iniciativa da estratégia foi eficaz tendo sido os propósitos da proposta alcançados plenamente, pois, que os alunos apreenderam aqueles conteúdos de Geografia e puderam expressar isso na avaliação bimestral. Percebeu-se que os discentes ao dialogarem com entes fantásticos, no caso os personagens fantoches, lhes despertou as ânsias/gosto de aprender os temas/conceitos objetos de estudo apresentado pelos fantoches e pelas músicas que cantavam.

Palavras-chave: Dialogicidade; Estratégias de ensino; Didáticas de Geografia. Canções. Teatro de animação.

INTRODUÇÃO

Proporcionar uma mediação didática significativa é propósito daqueles que exercem a docência em qualquer etapa de ensino. E de qualquer disciplina acadêmica. Por meio dessas aprendizagens, o alunado será contemplado com aulas e metodologias de ensino que lhes propiciem o interesse e o gosto de apreender. Sem embargo, pouco disso existe. Prevalecem a inserção de conteúdos científicos muito importantes, todavia desconexos da realidade cotidiana dos escolares. Estes, com suas lacunas de aprendizagem e da lecto-escrita deficiente, pouco acompanham das aulas baseadas no discurso dos professores, na lousa da parede e nas canetas marcadoras. Enfim, copia-se. Copia-se. Os professores dão aulas copiadas e os alunos tomam aulas copiadas (DEMO,2006). Às vezes, se alguns a memorizam, logo a esquecem. O processo educativo/escolar, alimentada pelo orçamento restrito, empurram o alunado para frente. Aos pedaços. Aos fragmentos. Entretanto, a escola pública pode fazer diferente sua atribuição de ensinar, formar para a cidadania.

Uma das estratégias didáticas que se lançou mão para a ministração das aulas de estágio supervisionado em Geografia e que se percebe que possibilitam aprendizagens efetivas, foi a utilização da Música e do Teatro de Fantoches. Sabe-se que a Música e o Teatro são campos de conhecimento. Entretanto, são também linguagens. A Música e a sua linguagem, como é notório, permite estabelecer diálogos entre os sujeitos e os objetos de aprendizagem com os conteúdos trazidos pelas canções. De modo prático, essa experiência docente circunscreve uma estratégia de ensino fortemente fundado na interdisciplinaridade. E, nesse sentido, buscou-se o apoio dessas duas linguagens, e duas áreas do conhecimento, para ministrar os conteúdos de Geografia. E o que se pretendia ao utilizar outras linguagens e campos de conhecimentos para ensinar Geografia?

Está já consolidado que alternativas interdisciplinares têm proporcionado efetivas situações de aprendizagem de Geografia do Ensino Fundamental e Médio. O uso de estratégias como, por exemplo teatro de animação com fantoches estimulam a curiosidade dos alunos, motiva-os e envolve-os nas aulas. Eles não se distraem, pois já estão relaxados e por estarem distensionados para aprender, centram toda sua atenção e pensamento nas personagens e suas falas. E quando as falas usam músicas que são de seu domínio, a situação torna-se muito apropriada a internalização

dos conceitos e objetos de estudo. Essa foi a motivação de planejar aulas integrando Música, Teatro de Fantoques e Geografia.

Teatro de animação ou teatro de formas animadas é uma linguagem teatral que se distingue do teatro de atores (ALVARADO, 2009; AMARAL, 2005, 2009; BELTRAME, 2008). O teatro de animação é o teatro de objetos, no caso dessa experiência em comento, os objetos são os fantoches. Pois, no teatro de bonecos, sejam utilizadas marionetes ou fantoches, se realiza a “arte de transformar um boneco comum e sem vida num ‘indivíduo’ com personalidade, alma e vida própria” (TEIXEIRA, 2005, p.23). Os objetos do teatro de animação poderiam as marionetes ou polichinelos, os títeres, os bonecos de haste, os bonecos de varas ou os fantoches. Esse mesmo autor, em seu dicionário de teatro, descreve que os bonecos que se utilizam no teatro de animação é o

nome genérico dado às figuras do teatro de fantoches e marionetes. Os bonecos podem ser confeccionados com os materiais mais diversos, sendo que os mais populares são de pano, massa de papel ou madeira. Podem também ser de couro ou sola, fibras vegetais, isopor, objetos de uso doméstico fora de uso, sacos de papel, etc. Segundo o estilo de cada um e o gênero a que são destinados dentro de sua categoria, recebem designações as mais variadas: luva, vara, sombra, engonço, etc. (TEIXEIRA, 2005, p. 72).

Baseado nestas construções, criou-se a proposta de ensino intitulada: *Fantochaula Musical*. *Fantochaula* é um neologismo que circula livremente no Brasil, é, na prática, uma palavra composta por aglutinação na qual foram aglutinadas as palavras fantoches e a palavra aula. A palavra fantoche perdeu algum elemento silábico e fundiu-se com a palavra aula, por isso trata-se de uma palavra composta por aglutinação.

A estratégia da *Fantochaula musical*, por conseguinte, foi desenvolvida/concebida para atender o planejamento de ensino bimestre letivo cujo conteúdo designado era Clima e Vegetação no Brasil. A intenção presente ao se elaborar e planejar a ministração dos conteúdos listados para o bimestre utilizando o teatro de bonecos/fantoches foi proporcionar aos alunos um modelo de aprendizagem significativa por meio da ação-reflexão-ação, com a proposição da música para compreender questões sociais e naturais ligadas aos aspectos físicos da Geografia. E, acessoriamente, quebrar a rotina das aulas do 6º ano do ensino fundamental (EF), por meio de elementos didáticos interdisciplinares associados ao ensino de Geografia. É notório o

uso preponderante da aula expositiva, com apoio no livro didático, como técnica de ensino¹ de Geografia nas aulas do EF. Logo, a proposta didática da

Se a técnica de ensino utilizada, por exemplo, for uma aula expositiva uma leitura didática, estudo dirigido, um seminário, visita técnica, etc.; esses são apenas os recursos pelos quais se ministra uma aula e se ensina um determinado conteúdo.

A meta alcançável ao se propor reflexões a partir da integração de três linguagens, a dizer, Música, teatro de fantoches e Geografia, foi a de gerar interesse e instigar os pensamentos dos alunos de modo a desembocar na construção de conceitos sobre os domínios morfoclimáticos no Brasil. Sem, todavia, deixar de ressaltar a diferença de clima e tempo, a partir de uma escala local para global. Em todas etapas dessa estratégia, o aluno tem uma posição central. O aluno é o sujeito ativo na construção do seu próprio conhecimento. Dessa maneira, didáticas concebidas/desenhadas sobre ações integradas que combinam linguagens colaboram com o processo de construção do conhecimento ao fazer a correlação do cotidiano do aluno com o conteúdo em estudo, sem a tensão tão presente quando se ministra uma aula expositiva, ainda que dialogada e apoiada em muitos recursos visuais. Por tudo isso, se considera que todo conhecimento trazido pelos alunos podem ser ressignificados e participar da construção de conceitos, a cada tempo e a cada conteúdo específico do currículo que os alunos estão inseridos.

ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA

A Geografia é uma ciência do que se vê, dos caminhos que se anda, daquilo que se come, produz e se trabalha. A Geografia cerca, abriga, acolhe e organiza os territórios e os espaços. Todavia, enquanto disciplina escolar/acadêmica, não tem sido muito objetiva e tampouco consegue encantar seus interlocutores. Há, inclusive, aqueles que afirmam que, historicamente, a Geografia enfrenta diversas dificuldades quando é ensinada em modelos baseados no uso predominante da memória nas escolas. Alguns professores mais tradicionais, desconhecedores de boas técnicas de ensino e relacionamento com os alunos, quando apresentavam os conteúdos de forma

1 *Fantochaula musical* veio para colocar-se como um enfrentamento aquela realidade e como demonstração de que se tem alternativas para além da aula expositiva para o ensino de Geografia.

fragmentada e desconexas das experiências e saberes dos alunos, fizeram da Geografia uma matéria escolar pouco atrativa e cujos conteúdos só poderiam ser dominados pelas *decorebas* dos alunos (RUPEL, 2008 e 2009).

Ao tratar da Geografia que se ensina na realidade brasileira, Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1989) já evidenciava o conhecimento de alguns grupos de professores quanto ao ensino de Geografia. Ariovaldo de Oliveira (1989) escreve sobre o ensino que não contentava nem aos alunos e muitos menos aos professores da matéria. Ainda para Oliveira (1989), o regime autoritário vivido pelo Brasil de certa forma atingiu todo o ensino, assim, esse quadro permitiu a abertura para a chamada “indústria do livro didático” (OLIVEIRA, 1989, p.137).

Com o livro didático surge o quantitativo de conteúdos e a memorização dos conteúdos principalmente da Geografia, apresentado na forma de um saber fragmentado e isolado.

Na mesma direção, Brabant (1989, p.19) faz uma crítica ao enciclopedismo reinante no ensino da Geografia, pois: “O enciclopedismo contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico, ao mesmo tempo que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a geografia entre as matérias a memorizar”.

Frente aos desafios de ensinar Geografia, uma disciplina que pouco desperta o interesse dos alunos para a aprendizagem, a busca por alternativas como as metodologias motivadoras contribui para o processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente a qualidade do ensino de Geografia nas escolas. A esse respeito, encontram-se as contribuições de Rupel (2008 e 2009) e Breda (2013), nas quais as autoras sugerem que o professor ao utilizar diferentes atividades, linguagens e recursos didáticos no processo de ensino, eles “despertam o interesse e motivam nossos alunos a aprender, a aula torna-se mais prazerosa tanto para o trabalho do professor, quanto para os educandos” (RUPEL, 2008 e 2009, p. 2).

Essa visão trazida pela ação intencional e interdisciplinar da Música e do Teatro de Fantoques entrelaçados ao objetivo didático e pedagógico do professor de Geografia é propícia para a construção do conhecimento do aluno de modo intrínseco e o professor deve aproveitar essas ações para trabalhar uma Geografia significativa, não separando o conhecimento científico da Geografia ao se fundamentar sobre outras linguagens e conhecimentos.

As colocações dos autores conduzem a percepção exposta por Carl Rogers em sua obra intitulado como, *Liberdade para aprender* publicada em (1969). Assim, Rogers ao tratar da aprendizagem, elencam uma sequência de

princípios construídos a partir da experiência prática do autor em conjunto com as descrições de seus métodos e pesquisas realizadas. Para Rogers (1978) todos os seres humanos têm naturalmente a aptidão para aprender. A “potencialidade e o desejo de aprender, descobrir, ampliar conhecimento e experiência, podem ser libertados sobre as condições apropriadas” (ROGERS, 1978, p.160).

Pensar o ensino de Geografia, para além de um modelo tradicional, têm exigido de professores e pesquisadores acadêmicos, bem como os professores das redes de ensino da educação básica (EB), refletir sobre as antigas práticas de ensino da disciplina de Geografia escolar.

Com isso, conteúdos antes vistos pelos estudantes, como fortemente teóricos, complicados e fatigantes, passou a ser trabalhados em sala de aula de outra forma, com o apoio do Teatro e da Música e suas linguagens.

Sabe-se que durante a infância, a música, os jogos e brincadeiras estão presentes nas salas de aula, entretanto, a partir do momento que os alunos vão seguindo para novas fases de ensino, tais linguagens são deixadas para trás pelas demais disciplinas. Apenas as disciplinas de Arte Educação as fazem presentes nos seus currículos. Na opinião de Rupel (2008 e 2009), isso é um equívoco; segundo a autora aponta “pessoas de todas as idades aprendem através de atividades que tem sua essência na música, jogos, representações teatrais e diferenciadas formas de expressão”.

Assim, as atividades apoiadas em linguagens teatrais e musicais entrelaçadas aos objetivos didáticos e metodológicos da Geografia, introduzem em sala de aula, caminhos pouco explorados e motivadores para o ensino de Geografia.

Dentro desta ótica, ao considerar a criação e utilização de linguagens e conhecimentos musicais e teatrais como aporte do trabalho docente, o professor propõe-se desenvolver em seus alunos potencialidades intelectuais, motoras e criativas além, da transformação social e interpessoal do sujeito (FREITAS; SALVI, 2007).

Partindo dessa reflexão, a criação de estratégias de ensino e planos de aula com utilização de fantoches e a utilização de acervos de áudio já existentes como a música, busca aprimorar o conhecimento do aluno despertando-o para a investigação e problematização do conteúdo, na qual, será selecionado pelo professor e apresentado de forma objeto de estudo.

A proposta de trabalhar com o Teatro de Fantoches resulta da forma expressiva e subjetiva dos personagens em conjunto com a aula teatral, relacionando-se a música com aquilo que se está aprendendo. A música

enquanto linguagem e conhecimento tem o seu objetivo pedagógico, pois, ela retrata na imaginação do aluno instigando-o a pensar. A música denuncia realidades por meio da letra das canções, exigindo a interpretação do aluno sobre os elementos trazido pela letra da canção podendo com isso, ser de grande uso para o ensino da ciência geográfica, pois como afirma Silva *et al.* (2016 02): “A música sempre esteve muito relacionada à vida das pessoas, principalmente a dos jovens; as músicas sempre tratam de algum conteúdo, ora do meio ambiente, ora são críticas/reflexivas” (SILVA ET AL, 2016, p. 2).

Nesse âmbito, Silva *et al.* (2016,) comentam que a aplicação da música relacionada com o conteúdo trabalhado em sala é uma linguagem que chama a atenção dos alunos, pois, a música é uma realidade próxima do cotidiano destes sujeitos. Assim, concorda-se com Pinto (2001) quando afirma que a música

não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural (PINTO, 2001, p. 223).

Assim, procurou-se escolher músicas e canções carregadas de conteúdo de modo que o itinerário do planejamento fosse facilitado pelo conhecimento prévio das canções escolhidas e o conteúdo que elas comunicavam. O fato de os alunos conhecerem algumas canções cantadas pelos fantoches pavimentava o itinerário proposto e fazia a aula fluir tranquilamente. Sendo alunos do 6º, eles acompanhavam as canções com a leveza da adolescência e dentro de seu contexto sociocultural.

De fato, é possível encontrar canções que exprimem conteúdos geográficos e assim, serem utilizadas para o aprendizado dos alunos e dinamizar as aulas. Enquanto, o Teatro de Fantoches visa propor um ensino fora dos trilhos do autoritarismo e tradicionalismo que fez parte da história da educação, trazendo para a sala de aula oportunidades de aprender e ensinar a Geografia nas escolas.

Para Ferraiuoli (2011), o Teatro de Bonecos se interpõem no processo de ensino quebrando a rotina das aulas verbalizadas pelos professores, pois, na sua opinião:

Esta forma de construção criativa caminha no sentido contrário de uma prática de Ensino recebida pelas crianças na sociedade contemporânea, que ainda prioriza a linguagem verbal, em detrimento das demais linguagens. (FERRAIUOLI, 2011, p. 35).

Como se observa pela assertiva do autor citado, a construção dos bonecos fantoches e sua presença na aula enquanto seres falantes e cantantes, introduz uma outra linguagem para ensinar conhecimentos e alcançar o cognitivo e o afetivo dos alunos do EF. Isso supera a verbalização pura e simples da aula expositiva. Essa como uma técnica de aula predominante na EB.

Portanto, acrescenta o autor:

Sabemos que em mãos de um educador conhecedor da importância do Teatro, um boneco pode ser um instrumento de grande valor. Nem sempre a palavra é mais importante: os gestos e trejeitos do boneco transmitem informações ao espectador que o levam a interpretação e identificação imediata da mensagem. O poder lúdico e expressivo do boneco reside em sua associação ao movimento e sonoridade, o que encanta e seduz principalmente o público infantil. (FERRAIUOLI, 2011, p. 14).

Isto posto, os fantoches juntamente com a música aportam valor e grandeza à essas aulas de Geografia, pois, despertaram o olhar investigativo do aluno e o senso de problematização. As propostas de ensino fundamentadas no Teatro de Fantoches e na Música foram pensadas principalmente para discutir os conteúdos por meio do cotidiano e vivência dos alunos, isto é, contemplando seu contexto sociocultural. Assim, tendo em vista que é necessário a vivência dos alunos e suas respectivas realidades no processo ensino e aprendizagem, as linguagens selecionadas viabilizaram as aulas e aprendizagem do objeto de estudos pelos alunos do 6º ano.

Em relação a construção dos bonecos e fantoches, Amaral (2005, 15) observa, contudo, que esses objetos criados muitas vezes “representam um determinado homem ou a humanidade em geral, assim também o reino animal ou vegetal. Na representação do humano, do vegetal ou do animal, existe a tendência [...] que apresentem semelhanças com o original.” Isso foi incontornável, ainda que inconscientemente, quando da preparação dos bonecos que integram a estratégia de ensino integrada em comento.

A música, por sua vez, conforme observam Avanço e Batista (2017): “além de promover a socialização, oferece grande apoio em todo processo de aprendizagem por favorecer a ludicidade, a memória e a criatividade.” (AVANÇO; BATISTA, 2017, p. 10). Nesse sentido, a música não só é uma linguagem e um conhecimentos, como também operacionaliza um importante recurso de ensino para EB.E, concluem as autoras: “A música aliada ao ensino é entendida por muitos autores pesquisados como importante ferramenta pedagógica” (AVANÇO; BATISTA, 2017, p. 12). Entretanto, na forma de recurso de ensino e ou estratégia didática, deve ser utilizado em alternância com as demais estratégias didáticas, considerando o conhecimento pedagógico do conteúdo desenvolvido por Leo Shulman (2005).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A *Fantochaula Musical* foi desenvolvida para a turma do 6º ano A do Ensino Fundamental II da escola Instituto de Educação Matilde Margon Vaz em Catalão (GO), durante a disciplina de Didática da Geografia I e foi aperfeiçoada/consolidada na Prática de Docência, por meio de uma aula baseada em recursos da música, e teatro de bonecos. Essa estratégia se coaduna com a ideia de que a “procura de alternativas capazes de encontrar caminhos para uma aprendizagem significativa tem sido uma necessidade de educadores comprometidos com a articulação do cognitivo com o sensível”. (FERRAIUOLI, 2011, p. 13). As sensibilidades que se refere aqui são atingidas pela Música e pelo Teatro de Fantoches.

Para a pesquisa bibliográfica o embasamento teórico realizou-se a partir de bibliografias referentes a Educação, Didática da Geografia e Teatro de Fantoches, buscou-se também autores que colocam em relevo a importância da interação e dinâmica de bonecos e fantoches ao processo de construção do saber, assim os autores do aporte teórico desta pesquisa são: Alvarado (2009); Amaral (2009); Beltrame (2008); Costa e Baganha (1989); Dantas *et al.* (2012); Ferraiuoli (2011); Leenhardt (1997); Libâneo (1994); Moraes & Castellar (2018); Nascimento (2010); Oliveira (1989); Reis (2004); Richter (2013); Vygotsky (1987) dentre outros.

A ideia de trabalhar com o Teatro de Fantoches deu-se pela dramatização e pelo o incremento das músicas ligadas ao conteúdo geográfico sobre

o que se está sendo encenado/espacializado². Assim, com um processo de planejamento e muita dedicação para confecção dos bonecos (Zé, Bento e Luna), o conteúdo do livro didático passa a ser adaptado para as páginas de um roteiro interativo, criativo e engraçado, que engloba aspectos regionais e regionalistas e falas típicas de diferentes regiões do Brasil, como pode se observar no **Quadro 1**.

Quadro 1: Trecho do Teatro Musical

(LUNA) – Ouvi vocês falando do clima e do tempo aqui de Goiás e do Nordeste também! O senhor falou que com a chegada do verão o tempo vai ficar chuvoso e o clima de hoje está quente.

(LUNA) – Mas será que está correto? Vocês sabem a diferença entre tempo e clima?

(BENTO) – *OXI minha fia* e não é tudo a merma coisa não?

(ZÉ) – UAI! E tem diferença? É tudo sinônimo *SÔÔ*.

(LUNA) – TEMPO, é o estado momentâneo da atmosfera, é o hoje! Por isso não é correto falar que hoje o clima está quente. Já o CLIMA é caracterizado por um registro diário que leva de 30 a 35 anos para ser realizado.

(LUNA) – Entenderam?

(ZÉ) – Mais o menos.

(LUNA) – Ah! Já sei! Eu tenho uma maneira de explicar melhor. Sabe aquela música do Djavan (Um dia frio) ela é perfeita para explicar o tempo. Escutem.

01 – MÚSICA  (Um dia Frio/ DJAVAN)

(LUNA) – Também tem outras várias! Olha só...

02 – MÚSICAS  (Quando a chuva passar/ Ivete;

Org.: dos autores, 2018.

Para elaboração dos fantoches (observe a **Foto 1**) foram utilizadas folhas de EVA de diferentes cores. Os autores elaboraram os moldes e utilizando cola quente e de isopor montaram os três personagens de modo que lhes permitisse o máximo de movimento e beleza de aparência, em uma composição estética que atraísse os alunos aos conteúdos que seriam ministrados pelos bonecos/fantoches.

O planejamento e seleção dos conteúdos musicais almejaram atender primordialmente as questões relacionadas a diferença de clima e tempo, e os diferentes climas do Brasil, de uma maneira que causasse deslumbre aos

2 É muito provável que a escolha da pesquisa didática tenha recaído sobre o teatro de bonecos por uma questão ao mesmo tempo genética e cultural. Os nordestinos nascem e são criados num caldo cultural com a presença de muitos festivais, espetáculos e apresentações dessa arte popular de bonequeiros e mamulengos. As vivências com essa arte, ora transformada em estratégia de ensino por dois graduandos nascidos e criados no nordeste brasileiro, especificamente nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, fez eclodir a criatividade e deu animação aos bonecos que gostam de Geografia.

expectadores e ao mesmo tempo exprimisse emoções e questionamentos sobre o diálogo e música que se apresentavam como os mediadores do conhecimento.

Foto 1: Elaboração dos Fantoches



Fonte: dos autores, 2018.

Cada personagem (conforme **Foto 2**) era advindo de um lugar diferente do Brasil, então os estagiários encenaram inúmeras vezes os sotaques e as músicas, bem como o movimento corporal dos bonecos.

Foto 2: Fantoches



Fonte: dos autores, 2018.

Finalizada a construção dos bonecos e selecionadas as músicas, aprimorou-se os roteiros de inserção dos conteúdos de Geografia. Resgata-se aqui a opinião de Avanço e Batista (2017) acerca da relação entre canções e objetos de ensino, em que expressam que a “música no contexto da educação vem ao longo de sua história, atendendo a vários propósitos, como formação de hábitos, atitudes e comportamentos: [...] a memorização de conteúdos, números, letras etc., traduzidos em canções.” (AVANÇO; BATISTA, 2017, p. 12). Baseados nesse conceito providenciou-se um repertório de canções adequados ao objeto de ensino. Para a abertura escolheu-se a música tema de *O Auto da Compadecida*. Na explicação de tempo utilizou-se: *Quando a chuva passar* (Ivete Sangalo), *Chove chuva* (Jorge bem Jor) e *Um dia Frio* (Djavan). Em Clima a melodia foi: *Asa Branca* (Luís Gonzaga), que a seguir lançou-se mão de uma paródia da música *País Tropical* (Jorge Ben Jor) para fazer uma alusão ao clima brasileiro.

Para a parte de vegetação e biodiversidade, especificamente para o Cerrado utilizou-se a canção *Fruto da terra* (Marcelo Barral), destacando-se no diálogo a diversidade do Cerrado por meio da distinta fala do Zé:

– Aqui no Cerrado temos uma fartura muito grande de frutos: é pequi, mangaba, guarairoba, cagaita e muitos frutos *bom de mais da conta sô*, graças a abundante chuva, as veredas, o cerrado.

Em seguida, para apresentar a Amazônia, foi utilizada a melodia *Amazônia* (Patati Patatá), para a Caatinga *Xôte da Meninas* (Luís Gonzaga) e *Caatinga* (Paulo Soares e a Terceira Cidade), no Pantanal a música *Pantanal* (Almir Sater) e nos Pampas *Terra dos Pampas* (Teodoro & Sampaio).

A *Fantochaula musical* foi desenvolvida por meio de uma aula dialógica que conectava a música a questionamentos sobre os problemas sugeridos pelas músicas, como forma de desenvolvimentos dos diálogos Socráticos a fim de levar os alunos do 6º a um aprofundamento dos conhecimentos que internalizavam. Os três bonecos (Zé, Bento e Luna) interagem com os alunos debatendo, questionando e construindo o saber coletivamente.

Todas as temáticas estudadas eram contextualizadas a partir da cidade Catalão, isto é, partindo da vivência e do lugar dos alunos, como na fala do Zé sobre clima:

– Aqui no Goiás possui um clima tropical semiúmido com duas estações bem distintas: uma de Seca que vai de maio a setembro e a outra chuvosa que começa no mês da festa do Rosário aqui em Catalão indo até abril.

Assim, alternava-se a apresentação de diálogos seguidos dos questionamentos e das músicas. Estas eram reproduzidas do *Notebook* com auxílio de caixas acústicas e acompanhadas pelos alunos que participavam e cantavam juntos.

DISCUSSÃO E ANÁLISES³

O contato direto do professor em formação com a escola, por meio do estágio que é um componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura, é um momento único para os graduandos que, pela primeira vez, vivenciam os elos entre a teoria apresentada no curso de graduação e a prática desenvolvida nas escolas. Mesmo numa etapa de amadurecimento, os licenciandos chegam até a escola motivados, intrinsecamente, com o desejo de promover uma educação em base renovadas, e pode realizar um ensino significativo. Esse *animus* gera nos alunos de estágios as ânsias de poderem atuar como fomentadores de soluções para alguns dos entraves mais comuns encontrados no âmbito escolar, como por exemplo, o casual/aleatório desinteresse pelos estudos e a apatia com os conteúdos e atividades escolares.

Trazendo essa discussão para o Ensino de Geografia, onde o conhecimento geográfico é importante para a formação do sujeito quanto pertencente, e, ao mesmo tempo transformador do espaço geográfico, o ensino da Geografia Escolar bem como o desenvolvimento intelectual dos alunos. Richter (2013) ao discutir sobre os desafios da formação dos professores em Geografia, o mesmo autor, articula a discussão entre o estágio e a escola. Nesse sentido, Richter (2013) defende o trabalho do professor no processo de ensino de Geografia, pautado no “conhecimento científico, os saberes da prática pedagógica e o exercício da pesquisa” (RICHTER, 2013, p.108). Nesse entendimento, o graduando tem em seu cotidiano a pesquisa

3 A vivência da prática pedagógica proporcionada por essa estratégia de ensino evidenciou uma série de novos elementos na relação professor-aluno-conteúdo. Há uma marca forte da sensibilização e da profusão afetiva nesses encontros mediados com o teatro de fantoches. Aprendeu-se com essa prática que quando termina a aula, há fantoches, roupas e fantasias. Mais além, há os encantamentos com os seres que ora desaparecem e com o conteúdo estudado. Além desses, tem-se os professores reais. Estes professores crescem em suas competências, habilidades e atitudes depois da intervenção. Resumindo, os fantoches dizem tudo aquilo que os humanos não conseguem dizer de modo simples e direto. Os fantoches encantam a classe. Criam oportunidade. Podem até transformar os alunos. Sim se considerarmos que eles aprendem o conhecimento que se ensina.

como base de sua formação, com isso, aquisição dos saberes científicos vinculados ao ensino básico permite ao professor em formação contribuir para novas práticas pedagógicas bem como, a valorização do conhecimento.

Nesse entendimento, e embasados por autores citados ao longo do artigo, verifica-se que o excelente nível de aquisição do conhecimento científico numa operação didática em que se ligam distintas linguagens, como a geográfica, a musical e o teatro de fantoches, superando a comum verbalização das aulas expositivas com o uso do quadro e giz/marcadores e do livro didático.

Salienta-se, a partir da experiência docente e da sua problematização, que o desenvolvimento da aula Geografia ministrada com didáticas lúdicas requer, primeiramente, um planejamento que vai desde o conteúdo, fenômenos/conhecimentos a serem trabalhados, lacunas a serem preenchidas e de que forma serão construídos os conceitos a serem internalizados pelos alunos. Libâneo (1994), recomenda que o ensino deve ser dinâmico, as aulas podem ser trabalhadas a cada dia de modo diferente.

O professor pode iniciar, por exemplo, elucidando o conteúdo, usando diferentes técnicas de ensino e comunicação, colocando os alunos a aturem na sala de aula, seja pesquisando, seja reconstruindo os textos estudados, ou por outras modalidades ativas de aprendizagem.

Na **Foto 3** é possível *espionar* uma prática de aula de Geografia com a utilização dos fantoches, a qual foi desenvolvida pelos autores. Nessa aula se procurou alternar do modelo tradicional de aula expositiva, tão arraigada nas escolas. Na aula em comento, foram abordados conteúdo da geografia física com o auxílio da linguagem musical. As músicas foram a linguagem pela qual foram inseridos os conteúdos geográficos para os alunos. Algumas questões sociais que emergem das relações entre sociedade e os aspectos naturais estudados pela Geografia como, por exemplo, clima e biomas também ficaram acessíveis pela problematização dos conteúdos ambientais. Afinal, são as pessoas que vivem, desfrutam e, inclusive, destroem a natureza. Junto às músicas e suas poesias estavam os fantoches. Estes foram importantes para a realização da aula com teatro de fantoches com músicas e criaram um clima de leveza e liberações naquelas aulas. Com vistas ao processo de aprendizagem e ao avaliativo, durante toda a aula, os bonecos (Zé, Bento e Luna) faziam perguntas e solicitavam exemplos dos alunos, e, dessa forma se construiu o diálogo sobre o tema da aula. Os alunos se envolveram, participaram e aprenderam.

Foto 3: Fantochaula Musical



Fonte: dos autores, 2018.

No transcurso da aula os alunos cantavam as músicas, acompanhando os fantoches, inebriaram-se com o tema e conteúdos da *Fantochaula*. Houve até quem declarasse não imaginar que aquelas músicas podiam se relacionar com a Geografia. Foi perceptível a eficácia da estratégia de ensino. A fluidez da aula, embaladas pelas músicas e pelo ritmo dado pelos fantoches, somados à adesão dos alunos à dinâmica empreendida contribuiu para o compartilhamento dos saberes objeto do estudo com aquela turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a interdisciplinaridade expressa pelo uso de múltiplas linguagens e conhecimentos de outras disciplinas nas aulas de Geografia, como se tem observado, reveste a mediação didática de elementos dinâmicos e interativos que estimulam o apreender e a construção de conceitos geográficos. A *Fantochaula musical* que foi desenvolvida proporcionou aos alunos dialogar, construir, desconstruir e apreender Geografia com apoio da Música e do Teatro de Fantoches, incentivados pela da leveza da interação e da metodologia de ensino colocada em prática.

Considera-se que plano estratégico proposto e executado colocou os alunos do 6º ano do Fundamental II, diante de um saber geográfico que *chegou* apoiado na Música e no Teatro de Fantoches, não tão habituais naquela

unidade de ensino. Portanto foi uma estratégia eficaz em seus propósitos e abrangente nos resultados alcançados.

Planejar, preparar e ministrar essa estratégia de ensino foi um desafio para os professores em formação, pois que não são cantores e não são atores. Porém, impuseram-se o desafio de ministrar um conteúdo de Geografia com recursos lúdicos e evoluíram progressivamente em sua experiência e prática docente. A proposta ganhou forma, foi aperfeiçoada, os recursos tecnológicos foram bem executados e se pode fazer melhor do que a leitura e a mediação mecânica do livro didático. Com toda a certeza, quando foi lido, as letras e as músicas dos fantoches tornaram aquele conteúdo menos árido e as imagens dos domínios morfoclimáticos ficaram vivas nas palavras dos bonecos e dos poetas/cantores utilizados na referida aula.

Considera-se que esta experiência docente implica numa inflexão sobre o ofício de professor. Pois, o que desvia um professor recém-formado, coberto de ideias para ministrar aulas impactantes, para acomodar-se e se ver pouco a pouco um leitor/reprodutor de manuais didáticos e livros textos? Por outras palavras, o que o priva de sua criatividade manifesta durante a graduação e o faz um operador de aulas copiadas?

Ao se reflexionar sobre uma experiência supostamente bem-sucedida, pretende-se pensar na possibilidade de formações permanentes que venham a desaguar e criar a ambiência que proporcione a resignificação do ofício de mestre da Geografia. Não se está a afirmar que o ofício mudou. Foi a escola que mudou. E mudou porque os alunos não são mais os mesmos de tantos anos atrás. Por isso se percebe que o ensino de Geografia precisa ser pensado para uma escola de sujeitos do século XXI, no limiar da terceira década. O real observável, por muita gente, sejam acadêmicos, pesquisadores, pais, professores é que o aluno mudou e os professores, os móveis e as instalações ainda são os mesmos. O método de ministrar aulas segue a mesma senda. É necessário bloquear a senil modo de fazer aulas e ensinar para que o novo possa ser experienciado e a criatividade volte a habitar as aulas de Geografia, e todas as demais aulas e disciplinas.

Considera-se, baseado nas leituras e na vivência docente, que os fantoches e a música enquanto meios didáticos para ensinar Geografia e proporcionar ao aluno a compreensão crítica, agradável e apreciável de conteúdos geográficos, não é novidade. Foi, é e será, no máximo uma tentativa de ruptura com modo/jeito de ensinar prevalecente de aulas expositivas. O que se quer é encontrar meios para o enfrentamento da questão da exclusão que o atual modelo de escola que prevalece nas redes públicas e chegar

a inclusão cidadã dos escolares. Permitir-lhes a apropriação e o domínio da ciência geográfica acumulados nestes últimos milênios, não será unicamente pela música ou pelo teatro dos fantoches. Com certeza, a música e os fantoches também serão elementos dessa mudança e aperfeiçoamento das metodologias de ensino da Geografia e das demais ciências.

Finalizando, a pesquisa de linguagens e aportes de outras áreas de conhecimentos como uma potencialização ao planejamento didático denotou a relevância de linguagens compatíveis e integradas para o ensino de Geografia. Isso, na realidade, demanda certo empenho/engajamento profissional para elaboração desses materiais. Ora esses planejamentos estratégicos com intervenções docentes diferenciadas tornam-se cada vez mais necessárias, tendo em vista a quase ausência de recursos e materiais didáticos nas escolas públicas. Tudo isso/engajamento profissional vem ao encontro de uma renascença do ensino da Geografia escolar.

Por último, considera-se que a construção dos fantoches como parte da estratégia de ensino, bem como o uso de linguagem musical, foram decisões importantes. A resposta dos alunos, sua adesão à aula e aprendizagem dos temas estudados é que garantiram a eficácia do planejamento. Na prática, os professores sempre aprendem. Até mesmo quando se equivocam e precisam improvisar para salvar a aula. Não é possível/factível montar aulas com teatro de fantoches e músicas durante todo o ano letivo. Porém, pode-se delegar tarefas grupais aos discentes: selecionar conteúdos correlatos ou até algum conteúdo do currículo para que eles pesquisem e preparem uma apresentação dos resultados que encontraram usando experiências de ensino e linguagens que o professor já utilizou. Como as atividades com fantoches e músicas lhes cativam, a apresentação de pesquisas por meio de uma música ou de um teatro de bonecos pode lhes parecer menos fatigante do que um texto escrito com tinta no papel. É uma alternativa para manter a integração de saberes/interdisciplinaridade presente em uma turma que aprende a valorizar o ensino em práticas integrativas de linguagens e de conhecimentos. Disso tudo, se confirma a tese de que aprender é gostoso e é possível aprender e divertir-se concomitantemente. Uma das importâncias da escola é que nela se desenvolvam as competências de aprender. E com o teatro, com as músicas e com os fantoches também se aprende. Seguramente.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, A. *El actor en el teatro de objetos*. In: **MÓIN-MÓIN Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano 5, v. 6, 2009.

AMARAL, A. M. A. do. *O inverso das coisas*. In: **MÓIN-MÓIN Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC Volume/ Número/Paginação/Ano: v. 1, n. 1, p. 12-24, 2005.

AVANÇO, F. R.; BATISTA, F. C. R. M. *A música como apoio no processo de ensino e aprendizagem*. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira**, v. 8, n. 16, 2017

BELTRAME, V. N. (org). **TEATRO DE BONECOS: Distintos Olhares sobre Teoria e Prática**. Florianópolis: UDESC, 2008.

BRABANT, J. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, A.U. de (org). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989. p.15-22.

BREDA, T. V. **O uso de jogos no processo de ensino aprendizagem na Geografia escolar** (Dissertação em Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2013,164 p. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286754> >. Acesso em: 21 dez. 2018.

COSTA, I. A.; BAGANHA, F. **O Fantoche Que Ajuda A Crescer**. Porto: Edições ASA, 1989.

DANTAS, O.; SANTANA, A.; NAKAYAMA, L. Teatro de fantoches na formação continuada docente em educação ambiental. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 3, p. 711-726, 1 set. 2012.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FERRAIUOLI, A. A. **A ludicidade e a expressão criativa: o teatro de bonecos, na construção de experiências estéticas na educação básica** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campus Campos dos Goytacazes, 2011, 120 p. Disponível em: <[http:// http://www.pgcl](http://www.pgcl).

uenf.br/arquivos/adriano_de_almeida_ferraiuoli_010220191528.pdf>. Acesso, 30 out. 2020.

FREITAS, E.S.; SALVI, R.F. **A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia**. Portal Educacional do Estado do Paraná. Curitiba, Brasil, 2007. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/89-4.pdf?PHPSES SID=2009060908175561> >. Acesso em: 17 dez. 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LEENHARDT, P. **A criança e a expressão Dramática**. (4ª edição) Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MORAES, J. V. de; CASTELLAR, S. M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

NASCIMENTO, R.; PESSOA, C. T. **Narrativa Oral e Produção de Fantoches: uma alternativa lúdico-pedagógica para a alfabetização inicial**. Em Extensão (UFU. Impresso), v. 9, p. 26-35, 2010.

OLIVEIRA, A. U. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U (Org). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989. p. 135-144.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e Música. Questões de uma antropologia sonora, In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, vol. 44, n.1, 2001

RICHTER, D. Os desafios da formação do professor de Geografia: o estágio supervisionado e sua articulação com a escola. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013. p. 107 – 124.

REIS, L. **Teatro infantil e juvenil**. Queluz: Sistema J, 2004.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender**. 4ª ed. (E. Machado & M. Andrade, Trans.). Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

RUPEL, M. A. P. **Atividades lúdicas: proposições metodológicas para o ensino da Geografia Escolar**. PDE/ 2008-2009. SEED/UFPR. Disponível em: <www.diaadia-educacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1634-8.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2018.

TEIXEIRA, U. **Dicionário de teatro**. São Luís: Geia, 2005.